

em 2006, a lembrança da tradutora, indo e vindo pela sala da avenue Daumesnil, testando em voz alta o resultado, nunca satisfatório, de seus esforços para levar o francês a Diamantina, antes que trazer Helena a Paris. A busca do tom adequado para traduzir as indignações da menina, sua rebeldia mitigada pelo bom humor, sua malícia e perspicácia, seu bom senso e seus “castelos”, seu não conformismo e sua fé, sua familiaridade com pobres e ricos, brancos, pretos e santos, o gosto do campo, a ternura, os frouxos de riso, o amor lúcido pelos seus. Seu feminismo *avant la lettre*, com sua aguda observação do comportamento das mulheres que a rodeiam, e particularmente o da mãe, feito de amor e resignação. Sua filosofia sem empáfia, singela e segura, de quem se sabe diferente. “É uma coisa exquisita esta vida. Ninguém sabe o que a gente é por dentro.”

Vou fazer quatorze anos e já raciocino mais do que todos da família. Comecei a tirar conclusões desde dez anos ou menos, eu penso. Eu juro que nunca vi uma pessoa da família de mamãe pensar nas coisas. Ouvem uma coisa e acreditam; e aquilo fica para o resto da vida. São todos felizes assim!. (quinta-feira, 26 de julho de 1894)

Tagarela e escrevinhadora contumaz, a menina se espanta do espanto da avó diante de sua facilidade em escrever. “Escrever o que conta pela boca não é muito custoso” (20 de dezembro de 1893). Muito custoso, digo eu, é traduzir, sem falsidade, a fala-escrita de Helena-Alice.

E fico grata ao editor francês que me permitiu, pela mediação de Georges Bernanos, penetrar no mundo encantado e pé no chão da menina Helena, que não era Helena, mas que era Alice.

Um mundo onde sempre retorno, e nele sempre redescubro novas riquezas.

São Paulo, 2 de fevereiro de 2006, dia de Yemanjá.

DIÁSTOLE E SÍSTOLE, MOVIMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA POÉTICA

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA

Universidade de Lecce, Itália.

Recordar é um ato ético, tem um valor ético em si. Para nossa grande tristeza, a memória é o único laço de ligação com os mortos. Portanto, a convicção de que a recordação seja um ato ético é profundamente radicada em nossa natureza de seres humanos [...] A insensibilidade e o esquecimento parecem caminhar juntos.

(Susan Sontag)

Dizem que o século XX é, por antonomásia, o século do exílio, das grandes migrações de povos, dos movimentos gerados por guerras, genocídios, perseguições étnicas. Tudo isso produziu transformações e acentuou, conseqüentemente, pesquisas ligadas aos mecanismos de assimilação e/ou resistência cultural, monolingüismo e/ou coexistência de línguas diferentes em um mesmo indivíduo e em um mesmo território. Tais estudos interessam à sociologia, à antropologia cultural, à lingüística, à psicologia, à psicanálise. Também no âmbito da literatura, incrementou-se cada vez mais uma comunidade de escritores migrantes, que exprimem, em primeira pessoa, questões ligadas ao desenraizamento, à marginalização, à busca de um novo espaço físico e cultural, à solidão, à nostalgia. Tais escritores e intelectuais são, contudo, também testemunhas de que o diálogo entre povos é possível – não obstante as discrepâncias religiosas, lingüísticas, culturais –, são testemunhas de que o encontro e a convivência levam a um enriquecimento humano. Eles são, com suas peculiaridades, agentes e promotores de paz, porque estão na confluência entre mundos; são pontes que unem fronteiras e margens heterogêneas.

A própria tradução e a autotradução, para esses autores migrantes, tornou-se um instrumento fundamental não só de conhecimento da alteridade e de autoconhecimento, mas de aproximação e intercâmbio, já que a globalização não pode ser entendida como a hegemonia de uma língua sobre as outras, de uma nação sobre a outra. Conhecer-se e conhecer o outro é evitar incompreensões, conflitos e guerras. Conhecer a dor de quem parte e retorna, ou não retorna, é tornar-se mais tolerante, mais aberto às dinâmicas psicológicas envolvidas na experiência da migração e da conseqüente necessidade de tradução. É justamente com o intuito de refletir sobre essas questões que tentarei reelaborar aqui, brevemente, a minha experiência de escritora “migrante”, nascida e crescida no Brasil,

que vive e trabalha há diversos anos na Itália e que convive, na poesia, com o fenômeno do bilinguismo.

Cresci numa cidade do interior de São Paulo, no fértil Vale do Paranapanema, uma das regiões mais ricas do estado, mas também uma região onde as contradições sociais são evidentes. Belas cidades, com seus bairros nobres no centro, circundados por outros habitados por gente muito pobre, trabalhadores rurais expulsos do campo pelas condições insuportáveis de vida, que, de tardinha, voltavam nos caminhões de bóias-frias, com suas enxadas nos ombros, o cansaço nos olhos, a terra vermelha, como sangue, grudada no corpo, na roupa, marca indelével que nem todo sabão do mundo conseguiria lavar. Eu morava em uma vila de periferia, zona intermediária entre a cidade rica e a cidade pobre, e cresci em contato direto com tais problemas. Via ao meu redor gente que lutava obstinadamente para sobreviver, homens e mulheres que, com trinta anos, já eram velhos. Menina ainda, eu acreditava que o mundo inteiro fosse dividido em bairros ricos e bairros pobres, e imaginava que, se continuasse a andar do centro para a periferia, encontraria sempre mais miséria e degradação, até o infinito.

E queria entender o porquê disso tudo, em um momento complicado, de repressão e de censura política, muitas vezes interiorizadas pelas pessoas. Fazia perguntas aos meus pais e aos professores, sem receber respostas satisfatórias. Comecei assim a escrever: escrever ajudava a decifrar a realidade, a analisá-la. E eu queria falar sobre aquele mundo, contar histórias que conhecia, falar sobre as pessoas que me pareciam fortes e corajosas, não obstante a indignação em que viviam. Comecei escrevendo breves contos, às vezes escrevia e basta: perguntas e respostas que eu mesma achava, para tentar entender. A poesia, ao contrário, deu-me a possibilidade de exprimir-me com a máxima concentração e a máxima incisividade. E queria incidir sobre a minha realidade, embora mais tarde tenha descoberto que a poesia tem possibilidades mínimas de influir sobre o mundo.

O grande escritor italiano Primo Levi escreveu:

Para o sobrevivente, narrar é atividade importante e complexa. É percebida ao mesmo tempo como obrigação moral e civil, como uma necessidade primária, liberatória, e como uma promoção social: quem viveu o *lager* se sente depositário de uma experiência fundamental, inserido na história do mundo, testemunha por direito e por dever, frustrado se o seu depoimento não é solicitado e acolhido, remunerado se o é.¹

Não obstante o fato de que Levi se refira aqui à sua terrível experiência do *lager*, não comparável certamente à minha, há algo nessas palavras que senti como parte de mim mesma: a sensação do *reduce*, ou seja, do sobrevivente, e a de dever de testemunhar tal experiência. Tive muitas vezes a impressão de ter sobrevivido à minha infância e adolescência. Pela vontade de saber por que o mundo era como era, porque precisava entender como se pode viver indiferente à angústia de quem

¹ Primo Levi, *Opere*, Torino, Einaudi, 1987, v. 1, p. XLVI (as traduções presentes no texto são de minha autoria).

sofre e morre ao nosso lado, e como um homem – que é capaz de tanto amor – acabe muitas vezes por torturar o próximo, por odiar e por destruir, por motivos fúteis.

Escrever, por isso, fazer poesia, não foi uma opção. Não sei fazer outra coisa com a mesma intensidade, não sei construir casas, não sou capaz de dar assistência aos enfermos, não tenho o poder de interromper a destruição das florestas, não consigo impedir que um homem mate outro homem, que um povo destrua outro povo. Sei escrever, e não como desejaria, não sei escrever palavras que possam mudar alguma coisa, que possam cancelar algum sofrimento.

Apesar dessa impotência da palavra, sempre concebi a poesia como algo de concreto, palavras densas, que têm muito mais a ver com as artes plásticas, com a escultura, do que com a música. O meu desejo seria o de abrir um livro um dia e ver caírem dele com força coisas, pedras, pedaços de objetos, tesouras, brinquedos, bicicletas quebradas, árvores, até mesmo cães, gatos, e sobretudo pessoas (não sei como), todas as pessoas que conheci, que não pude segurar junto a mim. Todo um mundo lá dentro, apertadinho nas páginas, que nos chama, que nos convida a acariciar feridas físicas ou espirituais, a reconstituir vidas e histórias.

A minha poesia é uma reflexão sobre os temas da dor, da morte, da incomunicabilidade, da fragmentação do ser e da nossa realidade. Nunca conseguir atribuir um sentido ao sofrimento. E no entanto, a vida brota da dor, gera-se da laceração de um corpo de mulher. E cada coisa que se aprende, cada processo de crescimento e de maturação comporta sofrimento, incertezas, anseios. Também a morte é um grande mistério, mas a morte é o outro lado da vida, tudo é provisório no universo, tudo parece caminhar para o desgaste e a transformação da consciência em nada inerte, pelo menos da consciência individual. A morte física tem, pois, uma lógica nessa precariedade cósmica da matéria, embora seja, em absoluto, a experiência mais dolorosa que possamos ter. A dor, no entanto, e penso como Dostoiévski, não tem uma explicação, nem do ponto de vista da filosofia nem da religião: é uma ferida aberta na consciência.

Uma amiga me perguntou uma vez, lendo meus poemas, porque parecia não chegar o momento de cantar a alegria em meus versos, que sondam em demasia a noite, que atravessam desarmados o sofrimento, querendo olhar por dentro do que não pode ser visto de olhos abertos. Respondi que não escolhi esse tipo de poesia, deu-se o exato contrário. Não penso que tive menos sorte do que tantas outras pessoas, que vivi mais traumas, que senti mais dores ou que chorei mais do que outros, mas, desde criança, olhava ao redor, sentia e assimilava inquietações e angústias que percebia. Era desassossegada, virava em volta das coisas e queria vê-las por todos os lados, queria virá-las do avesso e vê-las por dentro.

Esse é um elemento importante da minha escritura e quase todos os meus livros são marcados por essa indagação existencial, embora alguns estudiosos tenham ligado esse traço mais a uma vaga busca de universalidade e menos às minhas experiências concretas de vida no Brasil, em um momento tão difícil da nossa história, como foi o período da ditadura. E aqui introduzo um outro aspecto marcante, gerador de conflitos muitas vezes insanáveis no texto: é o fato, no meu caso, de existirem dois tipos de espaços geográficos, o Brasil (país em que nasci e cresci) e a Itália (país no qual vivo há vários anos). Essa dicotomia transparece

continuamente nos poemas. Hoje escrevo nas duas línguas e os meus últimos livros são quase todos bilíngües, português/italiano. Tal dualidade é um sinal tangível do conflito gerado por essa convivência com duas culturas, muitas vezes díspares e contraditórias, bem como do meu esforço para harmonizá-las na escritura.

Afirma o estudioso Antonio Prete, a propósito do autores migrantes e bilíngües:

a escritura é com freqüência o teatro de um, conflito entre a língua materna e uma língua de adoção e de comunicação: as invenções da forma, e os modos da representação, passam por este conflito e por este confronto. As hibridações, as ofensas "inventivas" à ordem da língua adquirida, as recuperações de línguas da infância, ou de fragmentos das mesmas, o jogo pluri-lingüístico, são fenômenos que testemunham uma necessidade: preservar, no íntimo da língua, a dor de uma memória, de uma origem, mas, ao mesmo tempo, fazer da língua o novo país, em que a representação encontra o leitor, entra em diálogo com ele.²

Essa dicotomia produz poesia, mas dá origem também a uma série de reflexões concretas, muito presentes e sentidas. Como continuar fiel a mim mesma, por exemplo, à minha língua, à realidade na qual me formei, e ao mesmo tempo fazer poesia em outro contexto e para um outro interlocutor? As imagens que carrego dentro, algumas das experiências mais intensas e incanceláveis são, muitas vezes, ligadas à infância e à adolescência, passadas no Brasil, imagens e experiências que as pessoas, com quem vivo hoje, na maioria dos casos, não partilham. São, além disso, experiências interiorizadas e interpretadas na língua portuguesa. Por mais que eu queira atenuar, há aqui uma ruptura entre dois tempos e dois espaços que é muito difícil de sanar.

Esse problema, eu o vivi depois do segundo/terceiro ano de permanência na Itália. Continuei a escrever e a elaborar meus textos em português, mas isso era um trabalho muito solitário, porque utilizava na escritura uma língua, enquanto quotidianamente usava uma outra. Veio-me o impulso, assim, de traduzir alguns dos poemas, inicialmente para mostrá-los a amigos e partilhar tais experiências. Depois, sem que me desse conta, comecei a escrever diretamente em italiano: breves textos poéticos sobre paisagens da Úmbria (a bela região em que vivo, no centro da Itália), imagens de bosques, campos, montanhas, a mudança das estações que eu percebia de forma muito mais viva do que no Brasil. As pessoas, inicialmente, não entravam nesses versos, porque não confiavam totalmente na minha capacidade de ler e interpretar gestos e expressões, já que, na empatia, as diferenças culturais podem pesar muito no início e gerar insegurança, senso de precariedade, desconfiança (o estrangeiro provoca, na verdade, inquietação e, tantas vezes, temor, porque não o conhecemos e não somos capazes de compreendê-lo plenamente. E até que não façamos um esforço para ir além das aparências, o outro continuará para nós um universo oculto e inacessível).

Sendo a língua do meu quotidiano, foi inevitável, pois, o uso do italiano como idioma de poesia, ao lado do português, mas, no começo, confesso que foi um

choque. Vivi o fenômeno da dupla escritura, do bilingüismo literário, com angústia, pois tinha medo de perder o relacionamento privilegiado e profundo com a minha língua materna, o português brasileiro. Depois, aos poucos, acostumei-me a essa dualidade lingüística e a própria tradução me serviu, muitas vezes, para retornar aos textos originais e revê-los. A tradução, nesse processo, é possibilidade de diálogo e é também transmutação e reinvenção do texto. Se toda obra literária tem uma vocação para a viagem, para a partida, ela carrega no seu bojo a terra de origem, o seu solo, a sua identidade. A tradução une dois elementos, o si mesmo e o outro, a partida e o retorno. Torna-se o caminho entre diástole e sístole, entre dicotomia e síntese.

O temor inicial, de dispersar-me entre os dois registros, os dois espaços e tempos da minha vivência e escritura, resolveu-se, assim, na tentativa de harmonizar e de sintetizar, por meio da poesia, as experiências diversas vividas nos dois países, já que cada uma delas tem a sua riqueza e a sua especificidade. Para isso, a poesia é propícia, pois é linguagem de harmonia, de integridade do ser: é esforço de unificação, é fadiga para permanecer íntegros. Nos livros publicados nos últimos anos, há uma tentativa de compor e conciliar segmentos de realidades diferentes, porque para lá dos fracionamentos econômicos, geográficos, das diferenças culturais, os homens são sempre os mesmos, com todo o bem e o mal de que são capazes, com todo a alegria e o sofrimento, na vida e na morte de cada um e de todos.

Naturalmente, existem diferenças marcantes entre as duas línguas e cada uma tem seu âmbito e sua peculiaridade. O português é um idioma muito rico para a expressão de toda uma gama complexa de sentimentos. O italiano, língua também bela e poética, não permite – como o português – essa mesma maleabilidade, porque os italianos, para certas coisas, para exprimir certos conceitos ou sentimentos, utilizam o dialeto. É o fenômeno da diglossia. Os brasileiros já usam a mesma língua para as mais variadas situações, só mudando o registro. Isso está ligado, é claro, à história dos dois países. A Itália sempre teve o problema da sobreposição, da convivência difícil entre língua e dialetos, onde o italiano funciona como língua oficial e o dialeto, como língua informal do dia-a-dia, falada em família, entre amigos. Nesse sentido, é natural que o italiano seja mais elegante, mais áulico e, muitas vezes, também mais literário.

Já o português, sobretudo o português brasileiro, tem uma acentuada propensão à afetividade. O poeta Raul Bopp notou, não sem espanto, que até os verbos são usados no diminutivo. Esse caráter afetivo da língua portuguesa foi notado já nos seus primórdios. No século XV, isso foi sublinhado por D. Duarte, no livro *Leal conselheiro*. Esse rei culto e melancólico tinha percebido a maleabilidade do português para exprimir certos estados complexos de alma, certos sentimentos, como a saudade, que dizem não ter tradução em outras línguas (ele foi o primeiro a defini-la).

No uso de dois idiomas tão peculiares, cada um com sua rica tradição literária, ocorre muitas vezes hibridação, não no sentido de que um interfira no outro, provocando confusão ou troca de termos (embora não se possa evitar em absoluto interposições, mesmo inconscientes, de um sistema sobre o outro), mas no cruzamento de tradições, ritmos intrínsecos, metros peculiares de cada idioma, em que

² Antonio Prete, "Trasmigrazione e singolarità", *Unile* 2, Lecce, n° 2, ano 1, p. 24-25 (24), 6/2003.

um assimila algo do outro no próprio fazer-se do texto. É nessa óptica que, de fato, nasceu o primeiro livro da série que a grande crítica e amiga Luciana Stegagno Picchio definiu “bilingüe”: *Geografie d'ombra* (Fonèma Edizioni), publicado em 1989, seguido de *Pedaços/Pezzi* (Editora L'Etruria), de 1992, de *Tempo de doer/Tempo di soffrire* (Pellicani Editore), publicado em 1998, de *La guarigione* (Edizioni La Fenice), publicado em 2000, de *Uccelli convusi* (Mani Editore), publicado em 2001, de *No coração da boca/Nel cuore della bocca* (Adriatica), de 2003 e de *Verrà l'anno* (Fara, 2005).

Em *Geografie d'ombra*, de 1989, estão os primeiros textos em italiano, ao lado de outros em português, acompanhados da tradução de minha autoria. Esse não é o meu primeiro livro publicado, o qual saiu em São Paulo no mesmo ano em que me fixei na Itália, em 1983: *A porta range no fim do corredor*. Entre eles não há uma grande ruptura, quanto a temas e mesmo formas, a não ser o da utilização de um novo sistema lingüístico, que já começa a assomar.

Depois de *Geografie d'ombra*, publiquei *Pedaços/Pezzi*, em 1992, cujo título é indicativo de uma adaptação à nova realidade ainda *in fieri*. Há nele vários textos em que abordo a questão do exílio e da nostalgia, com um senso de incompletude, com um sentimento quase físico de dilaceração. É um livro amargo e desesperançado, e hoje não o publicaria mais, pelo menos não com a mesma estrutura. Os poemas foram todos escritos em português e há resistência em relação à versão em italiano, uma vez que preferi não publicar as traduções de toda a terceira parte do volume, não obstante o fato de que estivessem prontas.

O terceiro livro, *Tempo de doer/Tempo di soffrire*, publicado em 1998, apesar da temática, ou talvez mesmo por ela, é muito mais equilibrado. Há, nele, uma maior unidade de sentido e de forma. O primeiro núcleo foi escrito em português, mas depois passei de um idioma ao outro, sem perceber essa alternância de línguas como ruptura, como perda de significado, mas utilizando todos os recursos que ambas me propiciavam. Não é um texto simples, mas é um livro de síntese e de harmonia, como não o tinham sido os outros precedentes. Nesse, como nos livros anteriores, a temática existencial do sofrimento está muito presente. Aqui, de modo particular, desço nos meandros de uma terrível prática de violência, utilizada nas prisões do Brasil durante a ditadura e ainda hoje em tantos lugares do mundo, a tortura física e psicológica. Posso dizer mesmo que esse trauma, vivido indiretamente, marcou-me profundamente.

A esse entranhar-se numa temática tão visceral, segue-se *La guarigione*, publicado em 2000. Foi escrito inteiramente em italiano, embora nele adote o verso setenário, típico da tradição poética da língua portuguesa. Anterior a *La guarigione* é o livro *Pássaros convulsos*, publicado em 2001. Ambos foram vencedores de prêmios nacionais de poesia na Itália, assim como o livro *Verrà l'anno*, escrito em italiano, em 2003, e recentemente publicado.

O último, *No coração da boca/Nel cuore della bocca*, publicado no fim de 2003, foi, ao contrário, escrito em português. É composto por uma série de breves poemas em prosa, em que se alternam tantos personagens. Retomo aqui figuras da minha infância e adolescência, vozes que me acompanhavam desde sempre, conservadas na memória.

Como esses livros foram publicados na Itália e tiveram limitada circulação no Brasil, a Editora Escrituras publicou em São Paulo, em 2004, uma antologia que segue esse percurso, *A chuva nos ruidos*, vencedora *ex aequo* do prêmio de poesia da Academia de Letras de 2005. O título representa, para mim, uma definição de poesia: chuva vivificante, geradora do logos, palavra criadora sobre os ruidos indistintos e o burburinho cacofônico da incomunicação.

O meu livro mais recente não tem ainda um nome. Começou a ser escrito, em português, parti de um poema que estava tentando ajustar, sem consegui-lo. Narrava uma experiência marcante vivida na infância e não era a primeira vez que voltava ao texto, sem ficar satisfeita com o resultado. De repente, percebi que a forma não era justa, que aquele conteúdo incandescente não cabia no *contenitore* que estava usando. Reescrevi o texto, espalhando-o pela página, com uma estrutura que se aproximava da narrativa, mas que era ainda poesia. Era a forma certa, a linguagem que propiciou que uma série de histórias, que estavam dentro de mim, finalmente virassem elóquio, palavra. Encontrara o modo de concretizá-las, e vi que elas só esperavam por isso: num desespero de palavras, de vozes que queria ser ouvidas, cheguei à página setenta. Esses textos seguem, como estilo, a ruptura que efetuei no livro *No coração da boca*, mas aqui estão ainda mais narrativos. Colocam-se, como estrutura, entre o conto breve (de menos de uma página) e o poema lírico, com sua síntese e densidade.

Gostaria de concluir com uma questão que me foi muitas vezes posta: é possível definir-se poeta hoje, assumir tal papel? Por que e para que escrever? Por que passar tanto tempo a refletir, a perscrutar dentro de si, a indagar a realidade, a estudar, elaborar e limar um texto? Vai-se depois aos editores com o livro nas mãos, e a resposta que recebemos, no mais das vezes, é que poesia não vende, poesia não dá lucro, poesia não tem público, as pessoas não têm mais tempo para ler. E há sempre alguém que, amigavelmente, nos aconselha a escolher outro tipo de literatura, a propor, quem sabe, um romance ou algo mais divertido. Vem-me à mente uma frase do crítico italiano Walter Pedullà, segundo o qual a linguagem da comicidade é hoje apanágio do entretenimento, é televisiva, não mais metafísica.

Afirma Raymond Carver que toda poesia é um ato de amor e de fé. E acrescenta ainda:

Esta do poeta é uma atividade que rende tão pouco, tanto financeiramente quanto em termos de fama e de sucesso, que o ato de escrever uma poesia deve ser um ato que encontra a própria justificação em si mesmo e não mira a nenhuma outra finalidade. Para *querer realizá-lo*, é necessário amar este ato. Neste sentido, então, toda poesia é uma *poesia de amor*.³

O artista, o poeta, é já em si um exilado, não porque foge da realidade ou vive fora dela, mas porque vê sempre o mundo com olhos de estranhamento, de quem não aceita as coisas simplesmente como estão, de quem se choca contra a banalização do mundo, o comércio da vida. O poeta é um ser desenraizado, banido da realidade.

³ Raymond Carter, *Niente trucchi da quattro soldi*, Roma, Minimum Fax, 2002, p. 13.

de utilitária, da economia de mercado, do trabalho mecânico que escraviza, dos relacionamentos que desrespeitam o homem. E como não poderia ser assim? Hoje, mais do que nunca, como afirma Carver, se escreve poesia por amor. Por amor à vida se escreve, como por amor se canta, se pinta, se fala da morte e da dor. Fazer poesia é procurar sobreviver com toda a nossa sensibilidade, a nossa fragilidade. É realizar uma viagem vertical. Não é uma escolha fácil, sobretudo em um tempo em que tudo trama para alienar-nos de nós mesmos, para distanciar-nos do sentido profundo do mundo.

Poemas de Vera Lúcia de Oliveira

DO LIVRO *GEOGRAFIE D'OMBRA, FONÈMA, VENEZA*, 1989.

Pedaços

Estou estilhaçada
silêncios saem da boca
mansos
estava desenhando
palavras
perdi o jeito de amanhecer

tenho tantos pedaços
que sou quase infinita

Pezzi

Sono frantumata
silenzi escono dalla bocca
tenui
stavo disegnando
parole
ho perso il modo di destarmi

sono in tanti pezzi
da essere quasi infinita

DO LIVRO *PEDAÇOS/PEZZI, ETRURIA, CORTONA*, 1992.

O direito ao esquerdo

até prova contrária
não amassem o corpo de pegadas

não aguceem a espera da morte
não contaminem a propensão à luz
não passem rolo compressor
nas palavras da alma
não decretem que não existe
até prova contrária
o direito ao esquerdo

Il diritto al diverso

fino a prova contraria
non coprite il corpo di impronte
non acuite l'attesa della morte
non contaminate la vocazione alla luce
non passate il rullo compressore
sulle parole dell'anima
non decretate che non esiste
fino a prova contraria
il diritto al diverso

O filho

o filho do teu filho
vai condecorar o peito
de um assassino
ou fuzilar o pai
o filho do teu irmão
vai derrubar florestas
decretar a lei marcial
arrastar a mãe na prisão
os filhos dos filhos
estão decidindo se viverás ou não
para concebê-los

Il figlio

il figlio di tuo figlio
coprirà di medaglie il petto
di un assassino
o fucilerà il padre

il figlio di tuo fratello
abbatterà foreste

decreterà la legge marziale
trascinerà la madre in prigione
i figli dei figli
stanno decidendo se vivrai o no
per concepirli

DO LIVRO *TEMPO DE DOER/TEMPO DI SOFFRIRE*, PELLICANI EDITORE,
ROMA, 1998.

Canções

canções
perfumes
gemidos
que o vento incrusta
nas ruas
em dias triviais

rondam
enrouquecidos
loucos

chamam nossa alma

Canzoni

canzoni
profumi
gemiti
che il vento incastra
nelle strade
in giorni triviali

fanno la ronda
arrochiti
matti

chiamano la nostra anima

A história

o corpo de um torturado
escava através dos séculos
sua intensidade de dor e morte

mas Deus, para quem não existe a história
como atura o horror
desse instante
onde só o que muda é a boca
que grita?

La storia

il corpo di un torturato
scava attraverso i secoli
la sua intensità di dolore e morte

ma Dio, per il quale non esiste la storia
come sopporta l'orrore
dell'istante
in cui ciò che cambia
è solo la bocca
che grida?

Andorinhas

estou de bem com o mundo até
um tanque de guerra se cansa
da guerra até um pássaro pára
para
repousar

e depois o céu hoje é de um
azul que faz mal aos olhos
agudo que a gente fica ali
barriga pro ar
admirando as andorinhas
que volteiam
matutando no que pensam lá no alto
no que
sabem
se sabem que estou de bem com o mundo
que volteiam lá em cima também para mim

Rondini

sono in pace con il mondo anche
un carro armato si stanca

della guerra anche un uccello
 si ferma
 per riposare

e poi oggi il cielo è di un
 azzurro che fa male agli occhi
 acuto che si rimane lì
 pancia all'aria
 ad ammirare le rondini
 che volteggiano
 a immaginare ciò che pensano là in alto
 ciò che
 fanno
 se sanno che sto in pace con il mondo
 che volteggiano lassù anche per me

POEMAS DO LIVRO PÁSSAROS CONVULSOS

O bojo das coisas

ia subindo a ladeira
 os casebres caiados
 o vento
 eriçando parreiras
 o sol
 fundo
 feroz

o bojo
 das coisas
 ia grudando
 na minha alma ia sulcando
 seus regos
 ia fincando-se
 como as pedras se fincam
 no osso mole da terra

Il denso delle cose

salivo per il pendio
 le casupole bianche
 il vento
 che rizzava le pergole

il sole
 fondo
 feroce

il denso
 delle cose
 si incollava
 alla mia anima scavava
 i suoi solchi
 si conficcava
 come le pietre si ficcano
 nell'osso molle della terra

Pássaros convulsos

chocam-se contra os postes
 os pássaros
 destilados pela noite
 destroçam-se em vôo inatural

batem contra os ossos
 surdos
 contra os batentes
 que não escutam o sangue
 jorrar do escuro

Uccelli convulsi

urtano contro i pali
 gli uccelli
 distillati dalla notte
 si spezzano nel volo innaturale

cozzano contro le ossa
 sorde
 contro i battenti
 che non odono il sangue
 sgorgare nel buio

De casebres

de casebres
 era feita a infância

de paredes brancas
de quintais inchados de pássaros

e uma dor lenta
nalgum lugar
que nem mãe nem pai
sabiam de noite ninar

Di casupole

di casupole
era fatta l'infanzia
di pareti bianche
di cortili gonfi di uccelli

e un lento dolore
da qualche parte
che né madre né padre
sapevano di notte cullare

Terceiro mundo

no terceiro mundo
do céu
vão alminhas
pisoteadas
vão crianças
cuja dor come a infância

e bêbados do nada
trabalhadores do próprio luto
famintos de poesia
e pão

sombras
ali se debruçam
à espera das tubas
do juízo

Terzo mondo

nel terzo mondo
del cielo
vanno piccole anime

calpestate
vanno bambini
il cui dolore divora l'infanzia

e gli ubriachi del nulla
lavoratori del proprio lutto
affamati di poesia
e pane

ombre
lì si stendono
in attesa delle trombe
del giudizio

POEMAS DO LIVRO *PÁSSAROS CONVULSOS* (INÉDITO EM PORTUGUÊS)

Pétalas

depois do trabalho ia cuidar das plantas
cavoucava escolhia as mudinhas
reforçava os canteiros recolhia o mato
quando chegava novembro a casa pobre
era a mais linda da redondeza
os canteiros de margarida branca
se alternavam com as dalias
rosas, hortências, bocas-de-leão
o pai sentava na porta de casa
e ficava apreciando seu mundo de pétalas
até a noite descer e as margaridas
ficarem brilhando prata na luz da lua

Petali

dopo il lavoro curava le piante
scavava sceglieva i germogli
rinforzava le airole raccoglieva le erbacce
quando arrivava novembre la casa povera
era la più bella dei dintorni
le airole di margherite bianche
ai alternavano alle dalie
rose, ortensie, bocche di leone
mio padre si sedeva sulla porta di casa
e restava ad ammirare il suo mondo di petali
fino a quando scendeva la sera e le margherite
brillavano argento nella luce della luna

Goteiras

a chuva batia na janela gelava
a casa no quarto a mãe enxugava
as goteiras punha panelas por toda parte
a chuva parecia que fazia buracos
tanto ia batucando lentamente
no coração da gente

Gocciolo

la pioggia batteva sulla finestra gelava
la casa nella stanza la madre asciugava
le gocciolo metteva pentole ovunque
la pioggia sembrava fare buchi
tanto batteva lentamente
nei nostri cuori

DOSSIÊ: BERNANOS E O BRASIL